

STATE OF TEXAS

COUNTY OF _____

INVESTMENT BANK

BY _____

Witness my hand
 at _____, Texas
 this _____ day of _____, 19____



Prefácio dos editores

Até há pouco, a parte do proletariado que não se confundia com a massa inconsciente dos neutros, se não tinha ainda participado na luta de classes pelo ideal emancipador, detia-se, todavia, na idéia da federação política, sustentada pelo insigne Pi y Margall.

Actualmente, muitos desses mesmos proletários que com esperanças emancipadoras ainda não bem definidas não chegaram a penetrar-se bem da necessidade de se matenrem unidos no terreno próprio, falhos de fé e de confiança em si mesmos para reconhecer que a sua emancipação social há-de ser a sua própria obra, não tendo já a figura prestigiosa e venerável daquele grande homem, que dirigia tremendas censuras aos poderosos e salutareos conselhos aos humildes e oprimidos, deram ouvidos ao radicalismo jacobino e prestam atenção aos que lhes falam de crítica social e ainda de belísimos ideais realizáveis em gerações futuras, prometendo mundos e fundos no porvir para irem gozando no presente.

A quantos se encontram neste caso pode ser útil este livro. Nêle, verão a sociedade presente sobre vários aspectos, com todos os seus horrores, por haver-se sujeitado violentamente a idéia racional da associação de produtores á da corporação jurídica - política de governantes e governados.

Muitas das iniquidades sociais encobertas debaixo da rotina, a indiferença e o convencionalismo aparecem aqui em toda a sua repugnante realidade, ficando reduzido a pó tudo quanto em seu apoio tenham escrito e publicado teólogos, moralistas, juriconsultos e políticos.

Indícios de decomposição no "Prologos de Luta", achará aqui o leitor; a luta está travada e recolhendo os gritos dos que sofrem, o autor o recomenda em sua dedicatória aos estudantes do seu tempo, a quem convida a trabalhar para que se tornem úteis.

Mas o que deseja fazer frente a tanta iniquidade não procura aqui o remédio. Não pode dar-lho quem, como o autor, apresenta o Progresso chorando de desespero depois duma viagem em que percorreu o mundo e vê a sua obra monopolizada pelos poderosos e desconhecida pelos infelizes exclamando por fim: Ai! A estrada mais comprida é a que conduz ao coração dos homens!

Há nesta exclamação um grande erro psicológico; Não é mais comprida, nem sequer é larga a estrada que conduz á fibra delicada do sentimento; o que impede a confraternização entre os homens é o antagonismo dos interesses, fundado no falso conceito e na prática irracional sancionada em todos os códigos, da apropriação do que não pode nem deve ser possuído individualmente.

Desfaça-se esse erro, destrua-se as instituições que o conservam e santificam, e ver-se-há o mundo disfrutando daquella idade de ouro sonhada pelos poetas, prometida pelos sociólogos e confirmada pela espontaneidade da simpatia, do amor, do sacrificio, da piedade com que em todos os tempos os homens se souberam relacionar sem distincção de classes nem raças quando a manifestação pura do sentimento se opposeram as artificiosas idéias creadas pela mentira dos interesses.

Considerando que o que aqui falta outros autores o tratam clara e extensamente, e que o que aqui se expõe pode servir de força impulsiva para dar maior efeito aquellas salvadoras idéias, empreendemos esta publicação considerando que de acordo entre todos os pensadores pode tirar-se o fruto a que aspiramos com a creação desta biblioteca.



A VÓS

Pensando numa das baladas que formam este livro, achei-me, sem dar por isso, há algum tempo, junto às portas da Universidade central.

Faz onze anos que me afastei delas com alegria. Porque será que hoje as olho com tristeza?...

Era cedo ainda e, obedecendo ao impulso de um capricho irresistível, entrei na Universidade. Subi a ampla escadaria e encontrei-me nos claustros.

Pareceu-me, por momentos, que não tinha passado um só dia.

Rapazes da idade que eu tinha então iam chegando; e daquelas aulas que me são tão conhecidas uns saíam em pelotão e buliçosamente, e outros buliçosamente e em pelotão entravam. O mesmo quadro de há onze, doze, quinze anos! Que pouco tempo e quanto tempo!

Entreí numa das classes. E o mesmo quadro: Tudo continuava igual menos eu.

Então recordei-me de todos os meus companheiros: dos mais íntimos, dos simplesmente conhecidos, daqueles a quem só por acaso falei, dos que sómente vi, de mim mesmo e de minhas ambições e dos meu sonhos.

Aquela geração começa agora a apoderar-se de tudo, começa a deixar de ser o ontem para constituir o hoje.

Dos velhos que então conheci restam poucos.

Já estamos, já o mundo vai ser nosso.

Quantos, no entanto, ficaram pelo caminho!

Que foi feito, ou o que é daquela onda humana?

Dos que a formámos, quantos continuamos avançando, empurra dos pelas ondas dos que vem atrás, para a praia eterna?

De alguns sei que morreram; sei de alguns que vivem; uns desgraçados, outros felizes na aparência. Sei que outros atingiram elevadas posições sociais; sei que os há confundidos na miséria das classes mais inferiores. Alguns nem acabaram os seus estudos; outros mudaram de profissão. Tenho visto alguns transformados em modestos empregados no comércio; um ou outro trabalhando como simples actor de teatro; outros engajaram-se como soldados e foram buscar a morte a terras longínquas.

E todos os que passaram a meu lado sem que eu tivesse reparado nêles?

Nas lutas em que todos os que vivemos temos que tomar parte quem me vencerá e a quem vencerei? Com quem voltará o destino a juntar-me e a quem não verei mais?

Os que ainda vivemos sentimos, já, os efeitos das injustiças sociais, ou então passamos a seu lado sem delas nos apercebermos. No entanto, alguns as sentiram.

Que livro tão formoso seria o que o que me descobrisse o destino daquele meio milhar de companheiros!

À memória dos que morreram, à dos que ainda vivem, áqueles condiscípulos cuja maioria desconheço, aos que compartilharam co-

migo os trabalhos e gozaram as ilusões da primeira juventude, ao que me consolou ou me animou carinhosamente, ao que gritou comigo nos motins escolares, ao que se zangou comigo nos mesmos claus-tros, ao que passou à minha frente na classe e ao que se atrasou mais do que eu; a vós, enfim, ridentes sombras de uma época da minha vida que não pode voltar, a vós dedico esta obra.

É uma colecção de gritos recolhidos nas oficinas, no campo, no rio, na vida.

São os gritos dos que sofrem.

Os que ainda podem, lêde-o. Lêde-o meus desconhecidos amigos; e em nome da nossa alegria passada, da nossa juventude que se vai, preocupai-vos e trabalhai onde quer que estejais, por tornar útil a luta e realizar sem sangue a obra de emancipação que há-de tornar felizes os nossos descendentes.

-----///-----



OS SENHORES

Porque afiais o punhal que há-de atravessar-vos? Porque fabricais a pólvora que há-de matar-vos?

Para vós que descansais, a riqueza e a felicidade; para mim que trabalho, ai! a miséria e a dôr - dizia cantando o operário.

Um capitalista, um sacerdote e um general chegaram a uma seara.

Lavravam-na, ao mesmo tempo, homens e animais.

Além, uns trabalhadores guiavam o arado; aqui, outros cortavam a espiga já formada; outros sacudiam a palha e outros carregavam o trigo em azemolas. Suavam todos, enegrecidos pelo sol, rendidos pela fadiga.

Que trigo tão formoso - disse o sacerdote tomando um punhado na mão.- Para quem será este trigo?

Ai! Para vós,- disse cantando o operário.

x
x x

O sacerdote, o capitalista e o general continuaram o seu caminho. Próximo da cidade viram uns trabalhadores que entravam numa adega. Seguiram-nos. No lagar pisavam a uva, homens semi-nus, que dançavam sôbre os cachos como diabos mal humorados. Suas gotas de suor misturavam-se com o rico sumo da uva. Estavam fracos e tristonhos, mas dançavam.

Para quem será,- voltou a perguntar o sacerdote - o delicioso licor que extraem das uvas estes desventurados?

Ai! Para vós,- disse cantando o operário.

xxx

O sacerdote, o capitalista e o general chegaram às portas da cidade. Perto deles estava um grande edifício. Entraram. Era uma grande fábrica em que se fazia de tudo. Desde as cinco da manhã até às oito da noite, trabalhavam nela, por um escasso jornal milhares de operários de ambos os sexos.



Era já muito tarde e estavam cansados; porém, continuavam uns tecendo riquíssimos tecidos, outros lustrando finíssimo ouro, outros tirando os tubos de cristal dos fornos, outros lavrando a pedra, outros fazendo encaixes... Ali fabricava-se tudo o que o luxo e o bom gosto podem desejar.

Para quem serão - exclamou o capitalista - todas estas riquezas?

Ai! Para vós,- disse cantando o operário.

x

x x

O sacerdote, o capitalista e o general continuaram o seu caminho; mas, entretanto, antes de entrarem na cidade fizeram outra paragem.

Entraram numa formosa fábrica de armas.

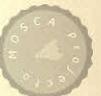
Os jornaleiros trabalhavam com muito afã. Uns, recolhiam em fôrmas o bronze fundido com que se fabricam os canhões; Outros puliam as brilhantes folhas das espadas; outros afiavam as pontas das baionetas; outros misturavam os ingredientes com que se fabrica a explosiva pólvora.

Formosas baionetas- disse o general apanhando uma.

A quem atravessarão primeiro o coração, estas baionetas ou quem será feito em pedaços por esta pólvora?

Ai! A mim,- disse o operário, cantando.

-----///-----



O CORVO

O corvo deteve o seu vôo e disse ao ver sôbre o terreno um homem que trabalhava:

Vejam como o João lavra as suas terras!

Não sou o João - exclamou o homem, levantando a cabeça - sou o filho de João, que trabalha para viver miseravelmente e para pagar pela segunda vez, ao seu senhor, o valor das suas terras.

Continuou voando o corvo e mais além avistou um cavaleiro a quem disse:

Vá com Deus, D. Gil!

Eu não sou D. Gil, respondeu o cavaleiro; sou o filho de D. Gil que vem cobrar ao filho de João, pela segunda vez, o valor das suas terras.

X
X X

Passou muito tempo.

O corvo parou de voar e disse ao vêr um homem que suava amanhando o solo:

Vejam como o filho de João lavra as suas terras!

Não sou o filho de João,- respondeu o homem, limpando o suor que lhe inundava a fronte.- Sou um dos seus netos que para viver miseravelmente tem de trabalhar e com o produto do seu trabalho paga pela quarta vez ao senhor o valor das suas terras.

Continuou voando o corvo e encontrou mais além um cavaleiro a quem disse:

Que Deus acompanhe o filho de D. Gil.

Não sou o filho de D. Gil,- respondeu o cavaleiro.- Sou o seu neto, que vem cobrar do neto de João, pela quarta vez, o valor das suas terras.

X
X X

Passou muito tempo.

O corvo deteve o seu vôo e disse ao vêr um homem que



trabalhava o solo:

Vejam como o neto de João lavra as suas terras!

Não ^o neto de João, respondeu o homem; sou um dos seus bisnetos, que trabalha para viver miseravelmente e para pagar ao seu senhor, pela sexta vez, o valor das suas terras.

Continuou o corvo o seu vôo e encontrou um cavaleiro a quem disse:

Vá com Deus o neto de D. Gil.

Não sou o neto de D. Gil - respondeu o cavaleiro - sou seu bisneto e venho cobrar do bisneto de João, o valor das suas terras pela quarta vez.

x
xxx
x

Passou mais um século.

O corvo parou o seu vôo, e disse ao vêr um homem que, tendo partido a enxada, chorava próximo da seara:

Porque chora o bisneto de João?

Não sou o bisneto de João - respondeu o homem;- sou um dos netos do bisneto de João, e o senhor expulsou-me da seara que os meus antepassados arrotearam porque não lhe pude pagar, pela centésima vez, o valor das suas terras.

O corvo continuou o seu vôo, e encontrou mais além um cavaleiro a quem disse:

Onde é que vai com tanta pressa o bisneto de D. Gil?

Não sou o bisneto de D. Gil - respondeu o cavaleiro;- sou o neto do bisneto de D. Gil, e vou procurar outro João que pague com os seus descendentes, a mim e aos meus, outras cem vezes o valor das terras dos meus antepassados.

O corvo afastou-se e gragnando, disse: ~~fora~~

Sou mais feliz que os Joões, porque pousar livremente nos ramos das árvores que se me deparam. Sou mais nobre que os Giles, porque não arranco os olhos aos homens, antes que eles estejam mortos.

-----///-----

(Nota do editor)

Convém saber que há Joões que trabalham e Giles que cobram porque o Código Civil concede ao proprietário o direito de gozar e dispôr da superfície da terra, do que está por debaixo dela, do que produz ou se lhe junta e incorpora natural ou artificialmente supondo que todas as obras, sementeiras e plantações, são feitas para êle; enquanto os não proprietários, sujeitos à escravidão ou à servidão em tempos passados, hoje em dia trabalham por um salário miserável para a produção, recolhendo e conservando os produtos para os proprietários.

Esta iniquidade legal antiquíssima, pedra angular da sociedade presente, que subsiste tanto nas monarquias absolutas, como

nas repúblicas democráticas, faz esses Joões e esses Giles, que não são homens, mas escravos e amos, plebeus e patrícios na Antiguidade; servos e senhores na Idade Média; proletários e capitalistas, trabalhadores e exploradores na Idade Moderna; deserdados e privilegiados sempre, embora com repugnante hipocrisia religiosa e política se chamem irmãos e concidadãos.

-----///-----



O ABISMO

Que prodigioso palacio rodeado de hortas e jardins! Que frutos tão formosos pendem das árvores! Que delicadas flores enfeitam o campo e embalsamam o ambiente!

Conta-me, poderoso, a história de tantas maravilhas.

x
x x

Quando Já tínhamos repartido o mundo, não ficava por povoar, por inacessível, mais que um abismo muito fundo.

Pedra que para lá se atirasse levava anos a chegar.

Cabra qua ali caísse, deixava triturados a pele e os ossos nas saliências das rochas que formavam as paredes daquela profunda e escura cova.

Quem assomava ao abismo sentia-se, imediatamente, atacado de fortes vertigens.

x
x x

Como caído do céu, mais um homem chegou à terra.

Quero viver - dizia o insensato.

E entrou na cidade, acomodando-se na primeira casa que encontrou.

Expulsaram-no dela porque a casa tinha dono e ele não podia nem queria pagar a hospedagem.

Quero viver - repetia o louco. E tentou, uma por uma, entrar em todas as vivendas e de todas o expulsaram.

Quero viver.- E tratou de fazer uma cabana com pedras que trouxe da montanha sobre os seus ombros e madeiras que arrancou das árvores do bosque. Porém, como a montanha tinha dono e o bosque era do rei e a terra em que pretendia levantar a sua cabana era da Câmara, tiraram-lhe as pedras e a madeira e expulsaram-no da cidade.

Quero viver,- repetia o desditoso, E percorrendo estradas

e campos, sem achar emprego em parte alguma porque tudo estava ocupado, atravessou o mundo.

x
x x

Compadecida uma mulher da sua estranha loucura, deteve-o à sombra de uma árvore e fez-lhe conhecer o amor.

Era a primeira consolação que aquele homem recebia durante a sua vida.

Se me amas, disse-lhe certo dia a mulher - obedece-me.

O homem amava-a ternamente, porque ela dera-lhe muitos filhos, e prometeu obedecer-lhe.

Vê - disse a mulher - uns nascem ricos e outros pobres. Os pobres devem servir os ricos. Se queres que sejamos felizes vamos oferecer os nossos braços e as nossas forças ao senhor daquelle palácio que vemos ao longe. Dar-nos-há de comer todos os dias e deixar-nos-há viver debaixo das suas telhas.

Cheio de admiração o louco respondeu:

Meus, são os meus braços e as minhas forças. Não foi o senhor desse palácio quem nos deu. Braços e forças chegam para proporcionar-me o que êle me possa proporcionar. Olha êsse pássaro que vôa, vê aquella corça que corre; querem viver e vivem! Porque não conseguiremos nós o mesmo? Não pudemos, ainda, pôr o pé sobre terra que não seja de alguém. Quem foi que nos condenou antes de nascermos, a não parar-nos nunca? Onde está o pedaço de terra que há-de sustentar-nos? Porque somos menos que o pássaro que vôa em pleno céu e que a corça que corre em liberdade pelas florestas. Os que nos dizem que tudo é seu, são meus inimigos a quem não fiz outro mal que foi o de vir ao mundo. Ah! Tu enganaste-me, tu deste-me o teu amor para me escravisares, tu, como eles, és minha inimiga.

E num acesso de furor o louco matou a pobre mulher.

x
x x

Porém, logo começou a chorar sobre o cadaver da sua amiga. Minha pobre querida - disse - regando-a de lágrimas. - Tu não procuravas enganar-me. Não fazias mais que transmitir-me o erro de que a maldade dos homens te fez vítima. Quero morrer contigo, chorando sobre a tua campa. Escolherei um sítio formoso na beira da estrada e ali cavarei o teu sepulcro. Os homens, que são mais piedosos com os mortos do que com os vivos se encarregarão, quando eu morrer, de me sepultarem a teu lado.

x
x x



Carregou em seu ombros o cadaver e na beira da estrada, de baixo da sombra dum álamo, começou a cavar a campa.

Apareceu um trabalhador, e disse-lhe que aquela terra tinha dono e nela não era permitido enterrar quem quer que fosse.

Foi mais além, mais além e mais além, e em todo o lado onde começava a abrir a campa lhe diziam o mesmo.

Que fazeis - perguntou o infeliz - aos que morrem?

Não sabes - responderam-lhe - que existe um lugar santo onde, debaixo de cruces, flores e símbolos, descansam os mortos?

Ensinaran-lhe o caminho, e foi com o cadaver a um cemitério.

Recebeu-o um sacerdote que lhe fez mil e uma perguntas que o louco não percebeu e, só a título de tal, o deixou passar com a carga.

No lugar que lhe pareceu mais formoso começou o desgraçado a cavar a sepultura.

Porém, de novo o detiveram na sua tarefa. Um coveiro ensinou-lhe uma fossa muito grande onde vários homens vasavam um carro cheio de restos humanos.

Atira para aí a tua carga - disse-lhe.- Esse é o sepulcro dos pobres.

Cheio de terror, fugiu daquele lugar, levando consigo o cadaver da sua amada.

E correu, e correu desesperado até chegar à beira do abismo.

De quem é este abismo?- perguntou a um camponez que passava.

Como não serve para nada, não é de ninguém,- respondeu o aldeão.

É este o único lugar que pode ser meu,- gritou com satisfação o louco.- Corramos, pobre querida, para o lugar que os que chegaram antes de nós nos reservaram.

E de um salto atirou-se, com a sua carga, para o abismo.

O eco repetiu ruído que fizeram os corpos ao despedaçarem-se, rolando, pelo fundo e, chegada a noite, só a lua lá pode chegar com os seus raios de prata.

Milhares de gerações, filhas do desgraçado par, foram imitando o seu exemplo e enchendo o abismo com os seus corpos.

De suicidas e desesperados se encheu por fim, e o tempo e as chuvas, desnudaram os ossos e converteram as carnes em limo. O lodo voltou ao lodo.

x

x x

Desaparecido aquele abismo, como antes desapareceram outros e outros desapareceram depois, ficou mais um lugar por habitar. Sobre êle foi construido o meu palácio. Daquela sangue e daquela carne estão formados esses frutos formosos que pendem das árvores, essas delicadas flores que embalsamam e enfeitam os campos e perfumam o ambiente



Onde vão, poderoso, os que como aquele homem não encontram
solo onde pôr os pés, nem palmo de terra onde possa dormir o sono
eterno?

Vão encher outros e outros abismos tão fundos como aqueles.

XXX

X

XXX

Prodigioso palácio, rodeado de hortas e jardins! Que frutos
tão formosos pendem das árvores! Que delicadas flores enfeitam os
campos e perfumam a atmosfera!

Não contes a ninguém, poderoso, a negra história de tantas
maravilhas.

-----///-----



OS ANCIÃES

Sou poderoso, acumulei em meus cofres tesouros inesgotáveis; estudei profundamente a maneira de aumentar a minha fortuna; umas vezes à luz da candeia de azeite, outras à do gaz, outras ainda à da brilhante^{lv} eléctrica; queimei as minhas pestanas fazendo cálculos e mais cálculos e contando na solidão da noite as minhas moedas de oiro. O meu dinheiro, indo e vindo, percorreu o mundo e tomou, com juro, aos meus devedores, os meus empréstimos, voltando em maior quantidade aos meus cofres.

Sou velho, mas posso esperar a morte tranquilo e descansado. Vivo cumulado de honrarias: sou senador, magistrado, ministro.

Bendito seja Deus, que assim premiou os meus esforços!
Afasta-te, mendigo e deixa-me o caminho livre.

X
X X

Guerreei em cem batalhas e enchi a terra de sangue. O ruído das minhas armas encheu os povos de terrores. Passei à espada milhares de adversários e escondi a luz do sol com o fumo dos meus canhões.

Sou velho, mas posso esperar a morte com tranquilidade. A Pátria, agradecida, encheu-me de condecorações e de riquezas; sou general, rei, imperador.

Bendito seja Deus que assim premiou os meus esforços!
Afasta-te, mendigo e deixa-me o caminho livre.

X
X X

Eu, decifrei os livros santos e dediquei ao Senhor todas as horas, rezas e orações. Minha casa é a casa de Deus. Elevo os meus cantos ao solene som do órgão, entre imagens primorosamente talhadas e ricamente vestidas, e a minha voz ressoa debaixo

das imensas abóbadas das altas catedrais.

Sou velho, mas posso esperar a morte tranquilamente. Os fiéis, agradecidos pelas minhas preces, ofereceram-me casulas recamadas de brilhantes, cálices de ouro, palácios de mármore, tesouros sem fim. Vivo rodeado de honras: sou bispo, cardeal, papa.

Bendito seja Deus, que assim premiou os meus esforços!
Afasta-te, mendigo e deixa-me o caminho livre.

X
X X

Eu desci ao mais profundo da terra para arrancar-lhe os tesouros que tu atraíste com as tuas especulações; eu espremi no lagar as azeitonas, para tirar-lhes o azeite com que acendem as tuas candeias e extrai da mina a hulha de onde depois se fabricou o gaz; com o carvão aqueceu-se a água que encheu de vapor as caldeiras das máquinas que acionaram as locomotivas e as hélices dos navios que tornaram possíveis o desenvolvimento das tuas relações comerciais; eu perfurei uns montes e aplanei outros; e construí portos e pontes; roubei as quedas de água sua força e acumulei em dinamos a electricidade brilhante e poderosa; fundi o bronze dos canhões e temperei o aço das espadas que te levaram à vitória; os arreios dos teus cavalos, fui eu que os fabriquei; Completamente nu, extrai dos imensos areais os diamantes que enfeitam o teu cálix; do fundo do mar as pérolas e os corais que adornam os teus paramentos; cortei com o meu machado as árvores em cuja madeira o operário talhou teus santos; arranquei da pedreira a pedra com que foram construídas as tuas catedrais e transportei aos meus ombros o último adorno, colocando-o nas agulhas dos teus templos góticos. Mineiro, lavrador, fogueiro, lenhador, jornaleiro, tudo fui. Sem mim que seria feito das tuas moedas de ouro? Os arreios do teu cavalo, a ferradura com que podes andar, as esporas com que o acicataste, fui eu que te dei. Sem mim, teus santos de madeira dormiriam no fundo das florestas, os arcos das tuas catedrais no coração das montanhas, teus cálices de ouro nas entranhas da terra; até os teus santos livros não existiriam sem mim, ontem por falta de cera onde se escrevessem, hoje por falta de papel onde se imprimissem. Eu dei-vos tudo e não tenho nada.

Sou velho e não posso trabalhar; por isso sou mendigo.
Achará o meu cadáver onde descansar?

Nada devo ao vosso Deus, visto que assim me premeia.
Afastai-vos, poderosos e deixai o caminho livre ao mendigo.



O POVO

Onde haverá boi que não trabalhe ou pobre que não padeça?

O rei ^{viv} com espanto que se aproximava do reino o inimigo. Embora escondidos pelo pó que os corcéis levantavam ao ferirem a terra com os seus cascos, o rei via claramente os esquadrões chegarem às portas da cidade, capital dos seus reinos. Vinham arrebatá-la. E o pior é que as suas tropas estavam longe, calando a tiros o descontentamento de afastadas províncias.

Mandai, - disse o rei aos seus ministros, - que o povo se levante em massa para escorraçar os que vêm arrebatá-me o meu reino.

O povo, senhor - reponderam - viu aproximar-se o inimigo mas nem sequer se inquietou.

Que se reuna na praça - ordenou o rei.

O povo reuniu-se e o rei, cheio de angustia, arengou-lhe para que defendesse a Pátria. O povo respondeu:

Não tenho Pátria; nem um palmo de terra é meu, nem um só dos frutos que pendem das árvores é meu. Defendam a Pátria, os que dela tudo recebem.

Passou pela frente do rei exasperado a idéia dum tremendo castigo mas, ao sentir o perigo cada vez mais próximo, conteve a sua indignação e disse ao povo:

Defende a tua casa.

Não tenho casa - respondeu o povo. Aluguei-a a um usurário que me expulsará dela quando não lhe satisfaça o aluguer.

Defende as tuas esposas e as tuas irmãs - gritou o rei.

São demasiados ignorantes para serem fortes, são demasiado pobres para serem frágeis. Acaso não serão mais tuas que minhas se as quizeres comprar com o teu ouro?

Defende os teus filhos - disse o rei fora de si.

Porventura são meus? Não nos tiras depois de nós os termos criado e feito deles rapazes robustos?

Os inimigos vêm aí - replicou o rei em sobressalto. - Defende os restos dos teus antepassados; suas covas serão profanadas; defende a tua religião, que é a dos teus ancestrais; escarnecerão dela os nossos inimigos; defende a tua liberdade: escravisar-te-ão.

Em teu nome ou no dos teus, - respondeu o povo - profanaram vivos os meus antepassados; que me importam que sejam profanadas as suas covas se nada os despertará do único sono tranquilo que têm gosado? Minha religião! Acaso a sentirei noutra coisa

que não seja o aumento da minha carga? Tem para ti todas as consolações, para mim toda a severidade. Quando eu nasci recebeu-me como te recebeu a ti entoando o côro de querubins e estremecendo de contentamento os sinos das catedrais? Acompanhar-me-há quando eu morrer, como a ti, com seus cânticos e suas orações até à beira do sepulcro? Rezará sem cessar por mim, como por ti, ao Altíssimo para que me perdoe os meus pecados e me abra as portas do céu? Minha liberdade! Mas, porventura, a tenho? Que vexames poderão impôr-me os teus inimigos que tu me não imponhas? Os meus braços e os dos meus para ti trabalham. De minha fraqueza vives. Que poderão eles fazer mais?

x
x x

O estrondo dos canhões dos invasores abafou a voz do povo e afogou as imprecações do rei.

x
x x

Que desolação! A cidade foi tomada sem combate, o rei feito prisioneiro. Aquela terra mudou de nome e a luz dum novo dia alumiu outra bandeira no alto das torres do palácio real.

Mas o povo parece não ter dado pela mudança. Como antes, em nome do rei, da religião e da liberdade continua arrastando a sua penosa vida e cantando:

Onde haverá boi que não trabalhe ou pobre que não padeça?

-----///-----

NOTA DOS EDITORES

O homem que não forma parte da massa popular ou de um agrupamento de privilegiados, se tem idéias do meio em que vive não é essencialmente pessimista; O pessimismo não pode existir quando o conhecimento determinado, naturalmente, à vontade e esta, à energia, abre as portas à esperança.

Por isso pare-nos infundada a moral desta balada. O povo que responde ao seu rei como acaba de lêr-se, não dirá jamais: Onde haverá boi que não trabalhe ou pobre que não padeça? Antes pelo contrário, rebelar-se-á.



É claro que o pobre sofrerá sempre em confronto com o rico, mas a rebelião dignifica e é chamada a triunfar dissolvendo as actuais classes sociais, sem que fiquem pobres que padecem, embora digam o contrário o Evangelho e o autor.



O ANEL

Para que fazer por pouco dinheiro e em proveito do poderoso o que o mesmo poderoso não faria por todo o ouro do mundo?

x
x x

Beijava o rei o anel que a sua amada lhe tinha oferecido e para melhor o contemplar tirou-o do dedo.

O anel caiu da sua mão, e rolando, rolando, chegou à beira do abismo e desapareceu nele.

Correu o rei atrás do anel e pouco faltou para que atrás dele caísse.

Porém, ao chegar à boca do abismo e ao vê-lo tão fundo e tão negro, teve medo.

QUANDO a minha amada souber que perdi a sua recordação, acreditará que a desprezo e deixará de amar-me. Se não encontro o anel e perco o seu amor acalmarei na guerra a minha desdita. Contra o mundo inteiro levantarei as minhas armas. A intranquilidade e a morte lançar-se-ão sobre o meu povo e não existirá ninguém que não seja, pelo menos, tão infeliz como eu.

x
x x

Chamou o rei o seu primeiro ministro e, depois de contar-lhe a sua desgraça, pediu-lhe que descesse ao fundo do abismo e procurasse nele a lembrança da sua amada.

Todas as minhas riquezas serão para ti se me devolveres com essa prenda o amor da que eu adoro. De quem a encontrar depende a paz do mundo inteiro. Palácios, ouro, pedras preciosas, ricas sedas, carruagens e cavalos tudo te darei.

Porém, o ministro, respondeu:

Senhor: para que quero eu tudo isso sem a vida? O abismo é fundo e escuro; rochas enormes, penhascos e quebradas que são novos abismos, impedem-nos de chegar ao fundo. Procurai outro mais humilde, e talvez consigais que se arrisque.



X
X X

Chamou o rei o seu mordomo-mór e, depois de contar-lhe a sua desgraça pediu-lhe para que descesse ao fundo do abismo e procurasse a lembrança da sua amada.

Dar-te-ei dez milhões de moedas de ouro se me devolveres com essa prenda o amor daquela que eu adoro. De quem a encontrar depende a paz do mundo inteiro.

Porém, o mordomo-mór, respondeu-lhe:

Senhor, para que quero eu todas essa riquezas sem a vida? O abismo é fundo e escuro; rochas enormes, penhascos e quebradas, que formam novos abismos, obstam a que cheguemos ao fundo. Procurai outro mais humilde a talvez consigais que se arrisque.

X
X X

O rei chamou, sucessivamente, o seu general, o seu sacerdote e o seu magistrado e ofereceu, pelo mesmo serviço ao primeiro, uma alcofa cheia de brilhantes, ao segundo, dois milhões de moedas de ouro e ao terceiro, um milhão de moedas de prata.

Porém, todos responderam:

Senhor, para que quero eu tudo isso sem a vida? O abismo é fundo e escuro; rochas enormes, penhascos e quebradas que formam novos abismos não permitem que cheguemos ao fundo. Procurai outro mais humilde e talvez que ele se arrisque.

X
X X

O rei recordou-se, então, que existiam no seu reino muitos homens esfomeados e carregados de filhos. Chamou-os. Depois de lhes ter explicado a sua desgraça, pediu-lhe que descessem ao fundo do abismo e procurassem a prenda da sua amada.

Um saco de moedas de cobre darei a quem me devolva com a prenda o amor daquela que eu adoro. Do que a encontrar depende a paz do mundo inteiro. Darei o pão durante meio ano, ao que ganhar o saco das moedas.

X
X X

Os esfomeados aceitaram e todos desapareceram nas negras do abismo.

Passou muito tempo.

Um, só, voltou a subir com a anel do rei e o rei vendo a prenda chorou de prazer porque recuperava, com ela, o amor da

mulher querida e assegurava a paz do reino.

Dai - disse ao seu mordomo - a esse miserável o sacco de moedas de cobre que lhe prometi, que bem o merece.

O esfomeado deu pão aos seus filhos durante meio ano e bendisse a bondade do rei.

As viúvas dos que morreram no abismo ainda hoje os choram.

E, todavia, cantam como loucas:

Para que fazer por pouco dinheiro e em proveito do poderoso o que o mesmo poderoso não faria por todo o ouro do mundo?

-----///-----

VIRTUS POST NUMMUM

Tim... tom... tim... tam...!
 Que anuncia aquele sino?
 Anuncia a hora da justiça.

x
 x x

O rei era bondoso e dispôs-se a medir por si próprio a maldade do seu povo.

A prisão estava cheia de criminosos. Todos diziam estar inocentes.

O rei ia apurar os que o eram.

Atravessou as grades e as enormes portas de ferro foram-se fechando após êle.

Justiça! Justiça!- gritavam de todos os lados. E o eco repetia nos imensos corredores misturado com esses gritos, o ruído de cem correntes.

Num pátio estavam os ladrões e o rei incitou-os a que falassem.

Não somos maus,- disseram-lhe;- uns, tínhamos fome e roubamos, e no acto do roubo acusaram-nos doutros delitos; porém, sem fome não teriam qualquer motivo para julgar-nos; outros vimos as joias dos nossos ministros, as amantes dos nossos magistrados, os bons vinhos e opíparos manjares dos príncipes, as lindas vestes dos nobres e, homens como eles, pareceram-nos, como a eles, formosas as joias e as mulheres, como a eles deliciosos os vinhos e os manjares, como a eles soberbos e embelezadores, os ricos factos. Pois se homens como eles somos, porque há-de ser para nós o direito ao trabalho mal retribuído e para eles o direito ao prazer, gozado sem limites? Quizemos disfrutar e roubamos, e o roubo lançou-nos noutros delitos. Sem esses modelos, sem a sua insolência, não teriam de que nos julgar.

O rei, deixou os ladrões e passou de cabeça baixa ao pátio dos que tinham as mãos e o fato manchados de sangue.

Palai,- disse-lhes.

Não somos maus,- responderam-lhe;- Uns, matámos porque a fome ou a inveja nos levou mais longe do que pretendíamos; outros matámos cedendo à obsecação produzida pelas idéias que formam parte do nosso ser, tanto as arreigaram no nosso espírito teus próprios mestres e teus próprios sacerdotes; Matámos como tu matarias se te esbofeteassem, como matarias ao que desonrasse a tua filha ou a tua irmã ou seduzisse a tua mulher; outros, por extravio da

da nossa razão mal orientada desde a infância, acaso desenvolvida em mau ambiente. Sem a nossa enfermidade ou nossa miséria, sem nossos preconceitos e nosso abandono moral, não teriam de que julgar-nos.

Basta,- exclamou o rei;- sois um grupo de vadios e todos sustentais a vossa inocência sem negar os vossos crimes. Acabaria por ter pena de vós, e por crer que a virtude na vida não passa dum acidente. Continuai nas vossa masmorras. Estou rodeado por milhares de nobres e capitalistas, de generais e de sacerdotes; são homens como vós e jamais roubaram ou mataram; tendes estampa-do no rosto aquilo que sois. Está retratado o crime nas vossas frentes. Para trás amaldiçoados da justiça. Renuncio a ter compaixão.

Porém, um reu que esperava com a opa vestida, que o carrasco o conduzisse ao cadafalso, disse ao rei:

Um homem que vai morrer não mente. Bons, são todos os que assim se dizem e se disso te queres convencer, submete-os à prova. Despoja os teus nobres, os teus capitalistas, os teus generais, os teus magistrados e os teus sacerdotes de todos os bens e de todas as rendas, e reparte suas dignidades, suas honras e tesouros entre os que habitam nesta horrível prisão. Enquanto ~~axxpodamos~~ ~~daxhoja~~ aos poderosos de hoje, deixa-os, que se arranjem como poderem. Não tardarão em vir-se a cobrir com estes farrapos que tão mau aspecto dá aos que aqui vês; o ódio secará seus corações e o desassocego enrugará as suas frentes. Parecer-te-ão tão criminosos como os que ~~xx~~ acabaram de te falar.

O rei pensou durante alguns momentos, e exclamou:
Faça-se. Estou certo da virtude dos que me rodeiam.

x
x x

Tim... tom... tim... tam...
Que anuncia aquele sino?
Anuncia a hora da justiça.

x
x x

Os serviços do reino apesar da mudança de pessoal, em nada se ressentiram,

Os antigos criminosos vestiram a toga, cingiram a espada e empunharam o báculo.

E desempenharam as suas funções com a mesma gravidade e a mesma exactidão que os seus antecessores.

Os joalheiros venderam os seus brilhantes aos novos sacerdotes, generais e magistrados. as mulheres levianas deram-lhes os seus prazeres.

E os cárceres continuaram a encher-se de ladrões e assassinos, que proporcionavam com a abundância de todos os tempos os novos deserdados. A ~~...~~

